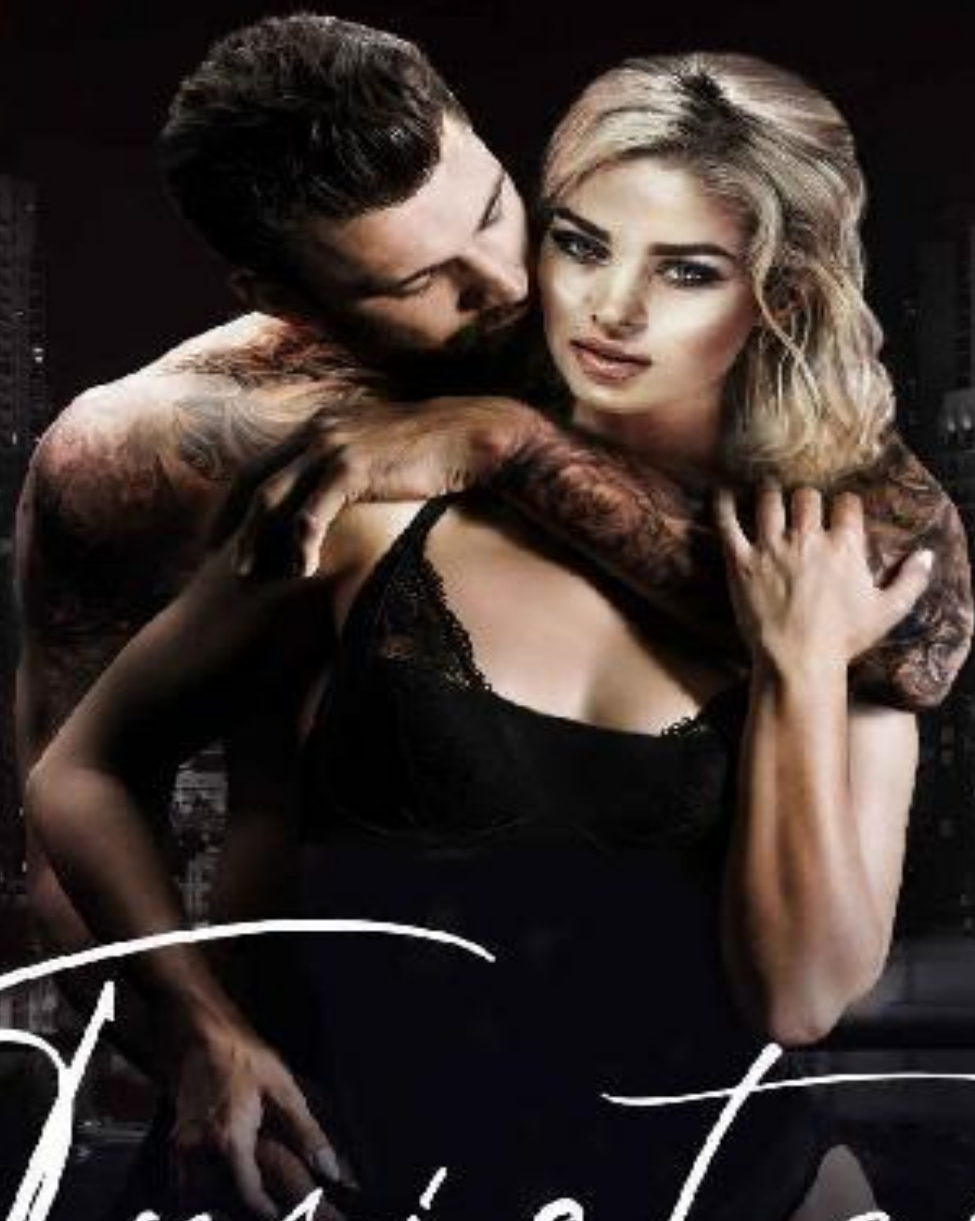


EVA ASHWOOD



Twisted

GAME

FILTHY WICKED
PSYCHOS

Jogo distorcido

OceanofPDF.com

PSICOPATAS PERVERSOS E
IMUNDOS #1

OceanofPDF.com

EVA ASHWOOD

OceanofPDF.com

Copyright © 2022 por Eva Ashwood. Todos

os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou com eventos reais é mera coincidência.

Nota da autora: Este é um romance dark e inclui temas que podem ser desencadeadores para algumas pessoas. Leia a seu próprio critério.

OceanofPDF.com

*Para todas as leitoras que gostam que seus book
boyfriends sejam cobertos de sinais de alerta.*

*Vermelho também é a minha
cor favorita.*

OceanofPDF.com

ÍNDICE

1. Willow
2. Malice
3. Willow
4. Ransom
5. Willow
6. Victor
7. Willow
8. Willow
9. Willow
10. Willow
11. Victor
12. Willow
13. Ransom
14. Malícia
15. Willow
16. Willow
17. Willow
18. Willow
19. Victor
20. Willow
21. Willow
22. Malícia
23. Willow
24. Willow
25. Victor
26. Ransom
27. Willow
28. Willow
29. Malícia
30. Willow
31. Ransom
32. Willow
33. Willow
34. Victor
35. Malícia
36. Ransom

37. Willow
 38. Willow
 39. Willow
 40. Willow
 41. Willow
 42. Willow
 43. Ransom
 44. Willow
 45. Willow
 46. Victor
- Livros de Eva Ashwood

OceanofPDF.com

OceanofPDF.com

WILLOW

“Você não pagou o restante da mensalidade deste semestre”, diz o homem atrás da mesa em tom impassível. “Se você não pagar em breve, sua matrícula será cancelada.”

Ao nosso redor, os sons do escritório administrativo da Universidade Estadual de Wayne parecem se desvanecer, e eu entrelaço as mãos no colo enquanto o nervosismo me devora por dentro. Merda. Eu sabia que isso ia acontecer. No momento em que abri o e-mail com o assunto PAGAMENTO DA MENSALIDADE VENCIDO, enviado pelo escritório administrativo hoje de manhã, meu estômago afundou como uma pedra. Tenho conseguido sobreviver com algumas bolsas de estudo pequenas que consegui juntar, mas uma delas não deu certo na semana passada e não consegui cobrir a diferença.

“Eu sei”, respondo, apertando os dedos uns contra os outros. “Eu tinha uma bolsa marcada, mas não deu certo. Existem outras bolsas para as quais eu possa me candidatar?”

Eu me esforço muito para não parecer que estou implorando, mas é difícil evitar o tom de desespero na minha voz.

A ideia de ser expulsa da faculdade me dá nojo. Tenho 22 anos e estou apenas no segundo ano, o que me torna mais velha do que todos os outros alunos do meu ano. Estou atrasada desde que cheguei aqui e, se me expulsarem porque não posso pagar, vou ter que recomeçar do zero em outro lugar.

A única maneira de eu conseguir me realizar e sair do mundo de merda em que nasci é ter uma educação. Preciso construir uma vida melhor para mim, e isso significa que não posso perder essa chance.

Não posso perder minha vaga aqui.

“Nome e sobrenome?”, pergunta o homem em tom monótono.

“Willow Hayes”, respondo, contendo a vontade de lembrá-lo de que ele acabou de dizer meu nome há poucos minutos, quando me chamou para ir até a mesa dele. Está claro que ele já está irritado por ter que me receber, e não quero irritá-lo ainda mais.

Ele solta um suspiro pesado e começa a digitar, os dedos voando pelo teclado. Parece que ele leva uma eternidade para examinar meus registros e, quando volta a erguer os olhos, sua expressão é ainda mais desdenhosa do que antes, se é que isso é possível.

“Ah. Vejo aqui que você não veio para a nossa escola com um diploma do ensino médio.” Ele franze os lábios. “Só o seu supletivo, que você conseguiu em uma... idade avançada.”

Aperto os lábios enquanto me esforço para manter minha expressão neutra. Vinte anos nem é tão diferente da idade em que a maioria das pessoas termina o ensino médio, e chamar isso de “idade avançada” faz parecer que sou uma vovó ou algo assim.

“Sim, é verdade”, confirmo.

“Infelizmente, isso significa que outras bolsas de estudo estão praticamente fora de cogitação. Os prazos para as bolsas para as quais você poderia ter se candidatado já passaram. Sinto muito.”

A condescendência na voz dele me dá nos nervos. Há muitas coisas que eu poderia contar a ele sobre por que só consegui um certificado de conclusão do ensino médio em vez de um diploma de verdade — por exemplo, como tive que trabalhar durante todo o ensino médio antes de finalmente desistir, ou como minha mãe adotiva me tirava da escola com tanta frequência quando eu era criança que eu mal tinha tempo para aprender qualquer coisa.

Mas nada disso realmente importaria para ele, então nem me dou ao trabalho.

“Vou dar um jeito”, prometo em vez disso. “Vou pagar o restante da minha mensalidade do meu bolso, se for preciso. Só preciso de um pouco mais de tempo para conseguir o dinheiro.”

— Claro. Ele digita uma anotação no computador, parecendo cético. “Posso dar a você até o final da próxima semana para efetuar o pagamento. Mas, depois disso, sua matrícula será cancelada.”

Assinto com a cabeça, engolindo em seco.

Não é muito tempo, e é uma quantia de dinheiro bem alta. Mas eu falei sério para ele. Vou dar um jeito.

“Próximo!”, O homem chama, olhando por cima do meu ombro enquanto gesticula para que outro aluno se apresente. Entendo que isso significa que posso ir e saio do escritório com a cabeça zumbindo e um nó no estômago.

Estou me sentindo péssima, mas pelo menos o dia letivo acabou, então não preciso assistir a mais nenhuma aula no momento. Mantenho a cabeça baixa enquanto atravesso o campus, sem querer fazer contato visual com ninguém que esteja por perto. Não estou com vontade de lidar com April Simms e seu bando de megeras agora, porque, se elas começarem a me atormentar como costumam fazer, posso acabar perdendo a cabeça.

Felizmente, não esbarro nelas enquanto vou para o ponto de ônibus na saída do campus, e consigo chegar lá bem na hora em que o ônibus para. Meu primeiro golpe de sorte nesse dia maldito.

Eu me jogo no assento gasto e solto um suspiro, fechando os olhos por um segundo para tentar me livrar da sensação pesada que está me oprimindo.

Como era de se esperar, não funciona.

Encostando a cabeça na janela, deixo o barulho e as vibrações do ônibus percorrerem meu corpo enquanto o motorista dirige devagar pelas ruas de Detroit. Várias paradas depois, desço do ônibus e caminho três quarteirões até o clube de striptease onde trabalho como garçõete.

O Sapphire é um dos muitos clubes de striptease nesta parte de Detroit, e trabalho aqui há dois anos, encaixando turnos sempre que posso nos meus horários de aula. Nem sequer tive tempo de ir para casa entre as aulas e o trabalho. Ajeito minha mochila no ombro enquanto sigo em direção à sala dos fundos.

É final da tarde, então o clube ainda não está lotado. Agora, só os frequentadores assíduos estão aqui, sentados no bar ou perto do palco, já meio bêbados e olhando preguiçosamente para a fila de dançarinas reservas que se requebram no palco.

Eles são os clientes mais tristes que recebemos aqui, aqueles que estão sem sorte, traindo o cônjuge ou simplesmente tão desanimados que vêm aqui só para sentir alguma coisa enquanto todo mundo ainda está no trabalho.

Depois de entrar no banheiro, troco minhas roupas de rua pelo meu uniforme de garçone: um vestido curtinho que sobe bem nas coxas e desce bastante na frente. Meu cabelo ondulado cai sobre os ombros enquanto puxo a bainha do vestido, ajustando-o um pouco, como sempre faço.

Mesmo assim, por mais que eu puxe o tecido do vestido, as cicatrizes de queimadura no meu braço direito, na minha coxa direita e na minha perna esquerda ainda ficam visíveis, embora as que cobrem parte das minhas costelas e das minhas costas fiquem escondidas. Elas já estão curadas há muito tempo, mas a pele cicatrizada ainda é feia e enrugada e, sob a luz fluorescente do banheiro, as marcas parecem ainda piores.

Meu cabelo loiro macio, minhas feições delicadas e meus olhos castanho-claros podem ser considerados atraentes em outra pessoa, mas tenho quase certeza de que as cicatrizes são a única coisa que as pessoas veem quando olham para mim.

“Não importa, Willow”, lembro a mim mesma, sussurrando as palavras para o meu reflexo. “Todo mundo aqui está olhando para as dançarinas de qualquer maneira.”

Respiro fundo e puxo a saia do vestido o máximo que posso para baixo, depois saio do banheiro para poder começar a trabalhar. As mesas estão começando a encher, e eu faço

minhas rondas no piloto automático, minha mente ainda zumbindo com o ultimato que recebi mais cedo.

Preciso dar um jeito de pagar o restante da mensalidade deste semestre, ou vou perder minha matrícula.

Alguém assobia, e o som se sobrepõe ao burburinho das conversas e à batida da música. Eu me viro e vejo uma das dançarinas terminando sua apresentação, piscando para a plateia e recolhendo as gorjetas antes de sair do palco com um jeitinho sedutor.

Caramba, se ao menos eu pudesse fazer isso.

As dançarinas provavelmente ganham dez vezes mais do que eu. Mesmo as que não são tão populares geralmente saem com pilhas de dinheiro no final da noite. Tecnicamente, os clientes deveriam me dar gorjeta por servir as bebidas, mas a maioria guarda as notas para jogar nas dançarinas ou enfiar nas tangas delas, então não ganho muito mais do que o salário por hora que o Carl me paga.

Enquanto deixo uma bandeja de bebidas em uma mesa nos fundos, esse pensamento fica preso na minha cabeça, e eu mordo o lábio quando uma ideia maluca e insana me vem à mente. Antes que eu consiga me convencer a desistir, deixo minha bandeja vazia no balcão e, em seguida, vou para os fundos da boate, até o escritório do meu chefe, respirando fundo.

A porta está entreaberta, e eu coloco a cabeça para dentro para vê-lo sentado atrás da mesa, assistindo a uma transmissão ao vivo da pista da boate. Provavelmente dando uma olhada nas dançarinas.

“Hum, Carl?” — pergunto, batendo no batente da porta. “Posso falar com você um segundo?”

Seus olhos se voltam para mim quando abro mais a porta, imediatamente irradiando irritação. Carl Gleason é o dono do Sapphire, e nunca houve necessidade de questionar por que ele administra um clube de striptease, considerando o quão “amigável” ele costuma ser com as dançarinas e o fato de que ele sempre tem uma transmissão ao vivo do palco na tela do computador. Falta pouco para ele ficar espreitando no camarim como um verdadeiro tarado, e eu nem quero pensar no que ele faz aqui no escritório, onde ninguém pode vê-lo.

no que ele faz aqui no escritório, onde ninguém pode vê-lo.

“Willow”, ele me cumprimenta, já parecendo irritado. “O que você quer?”

Meu estômago se contrai, minha pele formiga de nervosismo, mas eu ergo o queixo e vou direto ao ponto.

“Eu queria perguntar se talvez... eu pudesse começar a fazer strip-tease. Preciso do dinheiro.”

Isso com certeza chama a atenção dele, que ergue as sobrancelhas em direção à linha do cabelo que está recuando. Ele passa o olhar de cima a baixo pelo meu corpo, e há algo de desdenhoso e nojento nisso tudo ao mesmo tempo. Consigo sentir que ele está observando cada curva e cada cicatriz, e luto contra a vontade de tentar me cobrir ainda mais.

Por fim, ele balança a cabeça.

“Não”, diz ele, com o olhar demorando nas cicatrizes visíveis. “Você tem um corpo bonito, mas ninguém quer ver essa merda. Os homens que vêm aqui já estão tentando fugir das vadias feias e chatas com quem se casaram, então eles querem ver garotas bonitas balançando o que elas têm no palco. Não querem ver algo saído de um espetáculo de circo.”

Minha mandíbula se contrai e preciso engolir em seco. As palavras dele são duras e me machucam ao mesmo tempo em que me irritam. Mas não posso me dar ao luxo de responder mal a ele e arriscar perder esse emprego. Isso só pioraria tudo.

“Na verdade, foi por isso que pensei que talvez fosse uma boa ideia”, respondo. “Minhas cicatrizes podem ser feias, mas elas me tornam diferente. Única. Há um motivo pelo qual as pessoas vão ao circo: para ver coisas que não poderiam ver em nenhum outro lugar. Você poderia transformar isso em um atrativo, algo que nenhum outro clube de strip tem.”

Embora minha voz permaneça firme, meu coração bate um pouco mais forte enquanto falo. Basicamente, estou me oferecendo para me transformar em uma atração de show de aberrações para ele, para deixar que as pessoas me encarem, riam de mim ou se excitem com algum fetiche estranho por cicatrizes enquanto me veem dançar.

me veem dançar. É humilhante só de pensar, mas pelo menos eu ganharia mais dinheiro do que servindo bebidas.

Carl estreita os olhos, inclinando a cabeça para o lado enquanto reflete sobre minhas palavras. Ele belisca a ponte do nariz ligeiramente torto e balança a cabeça.

“Não. Desculpa, querida. Não dá.”

A decepção me invade, e eu baixo o olhar para o chão para que ele não veja isso nos meus olhos.

“Tudo bem”, murmuro, virando-me para a porta. “Tudo bem. Desculpa por fazer você perder tempo.”

“Espera, espera, espera”, Carl grita atrás de mim quando começo a sair. “Espera aí. Você precisa mesmo de dinheiro?”

Paro com a mão na maçaneta. “Sim.” “Você é virgem?”

Meu coração dispara e eu me viro, as bochechas em chamas. “O quê?”

Isso não é uma resposta à pergunta dele, mas, a julgar pelo jeito como ele sorri, minha reação foi a única resposta de que ele precisava.

“Sim. Foi o que pensei”, diz ele, recostando-se na cadeira. “Alguém como você? Claro que é. Posso trabalhar com isso.”

“Do que você está falando?”, Eu exijo saber, tentando não parecer tão humilhada quanto me sinto.

Ele continua sorrindo para mim com aquele olhar irritante, passando o olhar pelo meu corpo novamente. “Não vou colocar você no meu palco, mas há muitos homens por aí que pagariam muito dinheiro por uma boceta virgem, independentemente do tipo de garota a que ela pertence. Se você realmente precisa de dinheiro, conheço uma mulher que está procurando garotas intocadas para o bordel dela. Eu poderia te apresentar... em troca de uma porcentagem dos seus ganhos.”

Fico de queixo caído quando de repente entendo o que ele está dizendo.

Eu não estaria fazendo striptease. Eu estaria me *prostituindo*.

Por um longo tempo, não digo nada, meu estômago revira enquanto minha mente fica à deriva. Não era assim que eu esperava que essa conversa fosse, e me sinto atordoada, totalmente desprevenida.

“Quando digo muito dinheiro, quero dizer muito dinheiro”, continua Carl, falando no silêncio quando eu não digo nada. “Dez mil. Talvez mais, se você fizer direito e alguém estiver desesperado o suficiente — ou tiver um fetiche tão forte que esteja disposto a pagar uma fortuna por ele.”

Droga. *Droga.*

É muito dinheiro.

É quase o suficiente para pagar o restante da mensalidade deste semestre, e eu poderia cobrir o restante com a pouca quantia que tenho guardada.

Mesmo assim, hesito, olhando para Carl como se tivesse entrado em catatonia.

Não quero dizer sim. Eu sei como é quando uma mulher começa a se prostituir. Cresci morando com uma prostituta e me lembro de todas as coisas que minha mãe adotiva precisava fazer. Em alguns fins de semana, parecia que os clientes entravam e saíam da nossa casa praticamente o dia todo. Às vezes, eu conseguia ouvi-los, grunhindo, xingando e chamando ela de todos os tipos de nomes, enquanto ela apenas gemia e fingia gostar.

Nunca quis seguir os passos dela, e agora estou olhando bem de frente para a porta de entrada desse mundo.

Mas não há outra maneira de conseguir o dinheiro de que preciso. Talvez, se eu tivesse mais tempo, pudesse dar um jeito, mas, entre as aulas e os turnos aqui, não dá para eu arrumar outro emprego. A menos que eu queira tentar um assalto a banco em pequena escala, não há outras opções.

E dizer sim dessa vez não significa que vou ficar prostituindo para sempre. A proposta do Carl é bem específica. Só posso vender minha virgindade uma vez. Depois que ela se for, posso pegar o dinheiro e dar o fora.

Sinto um nó no estômago, mas não posso recusar essa oportunidade.

“Tudo bem”, sussurro, com a garganta apertada.

“Eu topo.” O homem magro sorri, parecendo satisfeito.

Claro que ele está. Ele também está prestes a ganhar dinheiro, e não é ele quem precisa abrir as pernas.

“Tudo bem.” Ele acena com a cabeça. “Vou falar com a minha contato no The Rose Garden e dizer a ela que tenho uma garota para ela. Venha me ver amanhã à noite e eu te conto o que ela preparou para você, combinado?”

“Tá bom”, murmuro de novo.

Ele continua me encarando e, para alguém que há pouco me chamava de aberração, a expressão em seu rosto é lasciva e nojenta.

“Ótimo. Agora sai daqui.” Ele aponta com o queixo. “Tenho coisas para fazer.”

Saio do escritório dele e termino meu turno atordoada, o som grave do baixo combinando com as batidas do meu coração. Assim que termino meu expediente, pego minhas coisas nos fundos e visto minhas roupas normais o mais rápido possível.

Ao sair da boate, as lágrimas que segurei a noite toda ardem nos meus olhos.

Meu Deus, não acredito que concordei em fazer isso.

Já me sinto enojada e suja, e ainda nem fiz nada. Mas não tenho outra escolha. Isso é pelo meu futuro, e no final vai valer a pena.

Minha visão está embaçada pelas lágrimas, e mantenho a cabeça baixa enquanto caminho pela rua escura em direção ao ponto de ônibus para poder ir para casa. Estou tão perdida nos meus pensamentos que não vejo o corpo grande à minha frente até esbarrar nele.

“Merda!” Eu recuo, enxugando os olhos rapidamente enquanto tento manter o equilíbrio.

“Opa. Cuidado aí.”

Mãos grandes me seguram, e eu olho para cima e pisco de surpresa. O cara em quem esbarrei é alto e tem ombros largos, está vestido de forma casual com uma calça jeans surrada e uma camiseta que se agarra aos seus braços musculosos. A luz da rua

acima de nós reflete na barra de metal em sua sobrancelha enquanto ele inclina a cabeça. Seus olhos têm um tom de verde-azulado que me lembra o oceano, e brilham quando ele olha para mim.

“Você está bem? Você estava com uma cara de quem ia explodir.”

Ele esboça um meio sorriso torto enquanto fala, com um lado da boca se erguendo mais do que o outro. Quando ele inclina um pouco a cabeça, o movimento revela os reflexos bronzeados que percorrem seu cabelo castanho bagunçado.

Meu coração dispara quando percebo que estou olhando para ele, com rastros de lágrimas ainda secando no meu rosto.

“Estou bem”, respondo rapidamente, dando um passo para trás e me soltando dele. “Desculpa. Não estava prestando atenção por onde andava.”

“Não se preocupe com isso.” Ele dá de ombros e estreita um pouco os olhos enquanto olha para minhas bochechas manchadas de lágrimas. “Tem certeza de que está tudo bem? Não preciso dar uma surra em algum babaca por você, né?”

Isso me faz soltar uma risada, e ele sorri.

Seus olhos passam por mim, mas não com o mesmo olhar malicioso que o Carl tinha. Parece mais... interesse? Ou curiosidade, talvez.

Mas o Sapphire fica em uma região bem perigosa e, embora esse cara seja lindo, ele com certeza também é perigoso. Ele tem um ar de “vou fazer merda e ver no que dá” como se fosse uma segunda pele, e, mesmo que estivéssemos em uma parte melhor de Detroit, essa aura ainda irradiaria dele.

“Não. Não, tudo bem”, murmuro. “Eu só preciso ir para casa.”

Sem dar a ele a chance de dizer mais nada, eu me viro e saio correndo.

Tento manter a cabeça baixa e continuar andando, mas não consigo resistir a olhar por cima do ombro para dar uma última olhada no cara. Ele ainda está me observando, e nossos olhares se encontram por apenas um segundo. É o suficiente para fazer meu estômago revirar, e eu viro a cabeça de novo, quase correndo o último quarteirão até o ponto de ônibus.

O ônibus está prestes a partir quando chego lá, e eu praticamente me jogo nele, sem relaxar nem por um segundo durante a viagem de volta ao meu apartamento.

Como a maior parte do meu dinheiro vai para a faculdade, um minúsculo apartamento de um quarto em um condomínio duvidoso é o melhor que posso pagar. Mesmo assim, dou um tapinha no corrimão com algo parecido com alívio e carinho enquanto subo as escadas para o segundo andar, onde moro.

Quando fiz dezoito anos, saí da casa da minha mãe adotiva assim que pude. Eu estava cansada de ficar acordada à noite, ouvindo ela transar com qualquer um que pudesse pagar, e depois ter que lidar com suas mudanças de humor durante o dia. Ela mora em uma casinha perto de Eight Mile e, embora ainda consiga me puxar de volta para a vida dela, pelo menos agora tenho um lugar para onde posso escapar.

Um lugar que é só meu.

Depois de trancar a fechadura, jogo minha bolsa na cama de solteiro velha e rangente do meu quarto e, em seguida, tiro a roupa e vou para o chuveiro.

Os canos fazem barulho quando a água começa a escorrer, e eu dou um suspiro de gratidão por esta ser uma das noites em que o aquecedor de água decidiu funcionar. Eu preciso disso depois do dia que tive.

Normalmente, um banho rápido é o suficiente para me livrar de um longo dia de aulas e trabalho, mas hoje à noite é mais difícil me sentir limpa. Passo um pouco mais de tempo debaixo do chuveiro, depois saio e visto meu pijama mais macio antes de me enroscar no sofá para fazer a lição de casa e assistir a um programa de decoração.

Mesmo assim, por mais que tente me perder nas minhas rotinas habituais, não consigo impedir que minha mente volte repetidamente ao acordo que fiz com Carl, com o nervosismo, a vergonha e a esperança lutando dentro de mim.

A essa hora, na semana que vem, estarei dez mil dólares mais rica. E não serei mais virgem.

OceanofPDF.com

MALÍCIA

“AI, MEU DEUS! Ai, caramba! *Isso!* Bem *aí!* Me come com mais força, papai, *por favor!*”

Reviro os olhos, mas dou à mulher à minha frente o que ela quer, metendo nela com tanta força que minha pélvis bate na bunda dela. A cada estocada, entro nela até as bolas, e agarro seus quadris com tanta força que vou deixar hematomas.

Ela está curvada sobre a cama no meu quarto, a parte superior do corpo esparramada no colchão, enquanto os pés estão no chão, as pernas abertas e os quadris se mexendo.

Não me lembro do nome dela e não gosto do rosto dela, e é por isso que estou transando com ela assim. O rosto dela está muito arrumado. A maquiagem dela é pesada demais, e tudo nela parece falso pra caramba, desde o cabelo loiro descolorido com raízes escuras até os peitos grandes como bolas de boliche. Odeio essa merda. Mas ela é bem apertada e, embora seus gritos e gemidos sejam tão falsos quanto o resto dela, posso sentir minhas bolas subindo, então sei que vou gozar dentro dela em breve.

“Ai, caramba!” ela geme. “Caralho, isso, bem aí! Aaah, você é tão bom!”

Parece algo saído de um filme pornô, e nem mesmo de um bom. É tão exagerado, e só de ouvir a voz aguda e ofegante dela já me dá nos nervos.

Mudo o ângulo das minhas estocadas, martelando nela, acertando bem naquele ponto que transforma seus gemidos de falsos em verdadeiros. Eles deixam de ser gemidos e passam a soar mais como guinchos e grunhidos, e o diálogo de merda finalmente se esgota. Ela quase parece estar sentindo dor enquanto eu a faço receber cada centímetro de mim a cada estocada forte.

Olho para baixo, observando a mim mesmo entrar e sair dela. Meu pau tatuado estica as paredes dela repetidamente, a camisinha brilhando com a excitação dela.

Essas tatuagens em particular sempre surpreendem as pessoas, embora combinem com o resto do meu visual. Tenho tatuagens em todo o corpo — algumas eu mesmo fiz, outras foram feitas por outras pessoas. A pele que não está tatuada tem cicatrizes, e cada cicatriz tem uma história bem fodida. Mas não conheço ninguém que tenha histórias de cicatrizes felizes, então, tanto faz.

A diferença de tamanho entre eu e essa garota é ridícula. Tirando os peitos falsos enormes, ela é toda pequena, e eu sou bem musculoso, então não é difícil agarrá-la e usá-la como eu quiser.

A julgar pelos sons que ainda saem da boca dela, ela gosta. Os barulhos dela agora são de verdade, mas ainda estão me dando nos nervos.

“Cala a boca, porra”, resmungo, dando um tapa forte na bunda dela.

Ela grita e, se os sons que saem da sua boca são palavras de verdade, não consigo entendê-las.

“Eu disse para calar a boca”, grunho, metendo com mais força.

A boca dela está aberta, e posso ouvir sua respiração ofegante enquanto entro nela com força e brutalidade. Cravo minhas unhas nos quadris dela, deixando marcas em meia-lua na pele, enquanto a puxo para cada estocada profunda e implacável, o som de pele batendo em pele ecoando alto no quarto.

Agora, a garota está fazendo barulhos de animal, grunhindo e gemendo, contorcendo-se na cama como se estivesse sendo exorcizada.

“Isso mesmo”, digo com a voz rouca. “Toma, porra. Eu sei que você gosta disso.”

Ela geme no colchão, e posso sentir que ela começa a se apertar ao meu redor, os espasmos e as contrações mostrando que ela está quase lá.

Por cima do som da minha respiração ofegante e dos gritos dela, o bater de uma porta e o murmúrio de vozes baixas no andar de baixo chamam minha atenção, avisando que meus irmãos chegaram em casa.

Todos nós moramos juntos em um galpão anexo à nossa oficina, e esta não será a primeira vez que Ransom e Victor chegam em casa e me encontram dando umas com uma garota.

Eu preciso muito de sexo, e eles simplesmente lidam com isso.

Nem me dei ao trabalho de fechar a porta direito, e sei que eles podem nos ouvir. Do jeito que o armazém é organizado, tudo ecoa. Mas isso não me faz parar nem por um segundo.

“Ai, *caralho!*”, grita a garota.

Ela se contrai com força ao meu redor, suas paredes me apertando de um jeito que também me excita. Eu entro nela com força e rapidez, em busca daquela sensação quente e intensa, e gozo na camisinha que estou usando um segundo depois, respirando com dificuldade.

Recupero o fôlego, ainda enterrado dentro daquele calor apertado e úmido, quando Victor aparece na porta, olhando para o quarto como se não estivesse nem um pouco incomodado. É preciso mais do que isso para abalar meu gêmeo, e ele mal olha para a garota enquanto abre um pouco mais a porta.

É bem fácil perceber que somos gêmeos pela nossa aparência. O cabelo do Vic tem quase o mesmo tom escuro que o meu, embora os olhos dele sejam de um azul claro, enquanto os meus tendem mais para o cinza. Nossas feições também são parecidas, embora cada um de nós as expresse de maneira diferente.

Vic é mais fechado em relação às emoções, enquanto eu geralmente deixo as minhas me controlarem, me entregando a coisas como raiva, luxúria e qualquer outra porra que eu sinta naquele dia. Meu gêmeo mantém tudo sob controle, e não há nada que ele odeie mais do que sentir que perdeu o controle.

Sua expressão é impassível quando ele encontra o meu olhar, e essa conversa, seja sobre o que for, poderia estar acontecendo em qualquer lugar. O fato de eu estar enfiado até o talo em uma mulher nem sequer importa.

“Hoje é a noite”, diz ele.

Ele para por aí, mas não preciso ouvir mais nada para saber do que ele está falando.

Meu coração dispara no peito, e eu saio de dentro da garota, deixando-a cair na cama. Agora que não estou mais a segurando, ela levanta a cabeça e finalmente percebe que Vic está ali.

“Que porra é essa?”, Ela grita, se arrastando pelo colchão e tentando se cobrir.

Eu suspiro, erguendo uma sobrancelha. “Ah, *agora* você quer ser modesta? Onde estava todo esse pudor quando você estava implorando pelo meu pau há uma hora?”

“Aquilo foi diferente! Eu... você...”

A voz dela está tão alta quanto durante o sexo, mas é muito mais irritante quando não estou enfiado dentro dela.

“Você não quer que o Vic te veja?”, — pergunto, apontando com o queixo. “Então dá o fora daqui.”

“Como é que é?”

“Você é surda? Eu disse para sair. Tenho coisas para fazer.”

Ela me encara por um segundo, como se esperasse que eu dissesse que estou brincando ou algo assim. Eu apenas a encaro com um olhar firme, deixando bem claro que estou falando sério e que quero que ela dê o fora daqui agora.

“Tá bom”, ela finalmente responde, descendo da cama e pegando as roupas às pressas.

Vic não se mexe. Ele ainda não olhou para ela nem sequer reconheceu sua presença, mas ela continua lançando olhares para ele enquanto veste a saia e o top minúsculo.

Ela tem que se virar de lado para passar por ele ao sair do meu quarto e me lança um olhar por cima do ombro assim que chega ao corredor.

“Vai se foder”, ela dispara.

“Não, valeu. Não volto para repetir”, murmuro baixinho, tirando a camisinha e amarrando-a para jogar no lixo. Pego minha cueca boxer e minha calça no chão e as visto, deixando minha camisa onde está por enquanto, enquanto ouço o som distante da nossa porta da frente se fechando.

“Vejo que você se divertiu hoje à noite”, observa Vic. Outra pessoa poderia dizer isso de forma provocadora, tentando me irritar. Mas, com o Vic, é sempre apenas uma observação. Ele está apenas afirmando um fato.

Dou de ombros, fechando o zíper da calça. “Serviu de distração para a noite. Ela não era nada de especial.”

Nosso irmão mais novo, Ransom, enfia a cabeça no quarto e vai ficar ao lado do Vic. “Não achei que você curtisse loiras”, comenta ele com um sorriso.

“Ela não era loira de verdade”, resalto. “Não sei de que cor ela era no começo, mas aquela merda não era natural.”

“Então, o Vic te contou?” Ransom pergunta, e seu sorriso desaparece quando sua expressão fica séria.

“Contou.” Olho de um para o outro. “Ele disse que vai acontecer hoje à noite.”

Ransom acena com a cabeça, e o piercing na sobrancelha brilha com o movimento. “Finalmente, caramba.”

Há anos, nós três tentamos caçar o homem que matou nossa mãe. Não tínhamos muitas pistas, nada além da descrição de uma tatuagem que poderia pertencer a qualquer pessoa da cidade. Ou até mesmo de alguém que estivesse apenas de passagem.

Mas nunca desistimos. Nunca paramos de tentar encontrar o desgraçado e fazê-lo pagar pelo que fez com a nossa mãe.

E, finalmente, conseguimos as informações de que precisávamos.

“Ainda acho que é arriscado”, diz Vic com sua voz baixa e calma, olhando alternadamente para mim e para Ransom. “Os Reis do Caos nunca nos ferraram antes, e eu sei que eles também querem esse cara morto. Mas, se as informações deles forem ruins, a gente pode estar caindo numa armadilha.”

“Não importa”, respondo. “Se houver problemas, a gente resolve. Não podemos perder essa chance.”

Ransom faz um barulho com a garganta e cruza os braços sobre o peito. Ele é o mais alto de nós três, embora não por muito. “O Malice está certo. Não podemos deixar essa passar. Além disso, você viu a cara do Ash e daquela garota quando nos contaram sobre o nosso alvo, Vic. Eles querem tanto a morte desse desgraçado quanto nós.”

Victor balança a cabeça, mas não diz mais nada.

Quando um membro dos Kings of Chaos e uma mulher de cabelos prateados apareceram no nosso território para falar com a gente algumas semanas atrás, eu soube que seria algo importante. Não atuamos nos mesmos círculos que os Kings. Eles conduzem suas operações em uma parte de Detroit diferente da nossa, mas já trabalhamos juntos antes.

Se eles estavam vindo nos ver, eu tinha certeza de que era por algo sério. Algo sério. Eles não se dariam ao trabalho de vir até aqui por nada.

E eu estava certo.

Eles nos deram o nome do homem com a tatuagem que estamos procurando há tanto tempo.

Nikolai Petrov.

Além do nome dele, eles nos deram informações suficientes para rastrear o desgraçado e nos vingarmos, e tudo o que pediram em troca foi que esperássemos a autorização deles antes de matá-lo.

Eu queria ir encontrar aquele filho da puta ali mesmo e fazer com que ele se arrependesse de ter nascido, mas se os Kings querem que a gente faça as coisas de uma certa maneira, deve haver um bom motivo. Quando meus irmãos e eu conversamos sobre isso depois da nossa reunião com Ash, lembro que Ransom deu de ombros, com um brilho selvagem nos olhos azul-esverdeados.

“A gente já esperou todo esse tempo”, disse ele na época. “O que são mais algumas semanas?”

Para pessoas que são tão boas em esperar quanto eu, mais algumas semanas é muito tempo — mas, finalmente, a notícia chegou.

ch

eg *Chegou a hora.*

ou “A gente sabe onde o Nikolai está?”, pergunto a Vic. “Onde

· podemos
encontrá-lo?”

Ele acena com a cabeça. “Sim.”

Uma expectativa perversa me invade, e a satisfação que eu sentia por transar se transforma em outra coisa. Um tipo diferente de satisfação, que vem de um lugar mais profundo e sombrio.

“Ótimo”, respondo. “Comecem a fazer o reconhecimento do local. Precisamos saber no que estamos nos metendo.”

Vic acena com a cabeça novamente e segue pelo corredor, com Ransom logo atrás.

Meu gêmeo cresceu de forma diferente de mim e do Ransom, e às vezes ele tende a se fechar. Mas ele sempre se sente à vontade na frente dos computadores e, em qualquer dia, posso esperar encontrá-lo parado diante da bateria de monitores no quarto dele, digitando no teclado. Ele é autodidata, mas é um hacker e programador muito bom, e isso tem sido útil para nós com frequência. Não há nada em que ele não consiga invadir usando força bruta quando quer.

Passo a mão pelo cabelo e olho para uma foto na minha mesa de cabeceira. É de mim, dos meus irmãos e da nossa mãe. Foi tirada há muito tempo, quando éramos jovens e ela ainda estava viva. Nosso pai também aparecia na foto, mas eu o recortei, porque não queria olhar para a cara daquele desgraçado todos os dias. Não preciso de mais lembretes daquele babaca.

Mas nós quatro — eu, Vic, Ransom e a mamãe? Nós éramos uma unidade. Uma família.

E alguém a arrancou de nós da pior maneira possível.

Vou até a cômoda e pego uma camisa limpa, dando uma olhada em mim mesmo no espelho enquanto a visto.

Tenho tatuagens em todo o corpo, mas a do meu braço esquerdo, logo acima do bíceps, é a que mais importa.

É o nome da nossa mãe, Diana, e a data em que ela morreu.

Foi a primeira coisa que fiz quando saí da prisão e, sempre que olho para ela, penso na minha mãe. Às vezes, é meio reconfortante lembrar quem ela era e o quanto ela se importava com todos nós.

Às vezes, isso me deixa puto.

Este é um daqueles momentos em que uma raiva intensa enche meu peito. Ela morreu enquanto eu estava preso, então não pude estar lá para protegê-la. Talvez seja por isso que me dediquei tanto a tentar encontrar o babaca que fez isso depois que saí. Para poder compensá-la de alguma forma, mesmo que isso não a traga de volta.

De certa forma, sempre me culpei pela morte dela, sempre me perguntei se as coisas poderiam ter sido diferentes se eu estivesse em liberdade. Se eu pudesse tê-la mantido em segurança.

Respiro fundo, e a respiração dói como vidro na minha garganta. Não adianta ficar pensando em “e se” agora. Hoje à noite, vamos nos vingar do homem que a assassinou, e talvez o espírito dela descanse em paz quando ele estiver morto.

Esticando o pescoço, abro outra gaveta da minha cômoda. Nesta, há armas e outros equipamentos, não roupas. Armas, algumas facas, soqueiras, tudo o que eu possa precisar para fazer o trabalho. Pego uma arma e a enfio na cintura antes de ir para o quarto do Victor.

Nós três temos nossos quartos no andar de cima, e o do Vic fica no final do corredor, depois do meu. No andar de baixo, o galpão em que moramos foi dividido em duas áreas distintas. Tem a cozinha e a sala de estar, que fazem parte do nosso espaço de convivência, e tem a oficina, onde a gente faz o nosso trabalho.

A mulher que eu trouxe para casa torceu o nariz para o lugar quando entramos, dizendo que era sujo e engordurado, e eu a ignorei na hora, porque tanto faz. Quem se importa?

pra isso? É a nossa casa. O galpão nos dá um lugar para dormir e para administrar nosso negócio, e isso é tudo de que precisamos.

O quarto do Vic é mais um escritório do que um quarto. Ele tem uma cama em um canto e um armário encostado em uma parede, e basicamente é só isso em termos de pertences pessoais. O restante do quarto é ocupado por uma grande mesa em forma de L que ocupa as outras duas paredes e acomoda todos os seus computadores e telas.

Quando entro no quarto, ouço o som alto de teclas sendo digitadas em um teclado, e Vic e Ransom estão encolhidos em frente a um dos computadores, com os olhos grudados na tela.

“A gente pode entrar por aqui”, diz Vic, apontando para a tela. Ele nem ergue os olhos quando eu entro, mas sei que agora também está falando comigo. “Eu desativei as câmeras, aqui e aqui.” Ele aponta novamente. “E, se a gente seguir por esse caminho, não vai ser pegos.”

“Quanto tempo vamos ter?” Ransom pergunta a Victor. “Por quanto tempo as câmeras vão ficar desligadas?”

“Tempo suficiente”, responde Vic. “Não precisamos nos apressar, mas também não podemos levar a noite toda.”

Enquanto os ouço conversar, a sede de violência cresce no meu peito.

“Vamos fazer cada segundo valer a pena”, murmuro, fechando as mãos em punhos. “Ele vai sofrer, de um jeito ou de outro.”

Consigo ouvir a escuridão na minha própria voz enquanto digo isso, e ela ecoa no olhar que Ransom me lança. O rosto de Vic é menos expressivo, mas sei que a mesma raiva arde no peito dele também.

Esperamos por isso por tempo demais, andando de um lado para o outro como predadores em uma jaula. E, agora que finalmente fomos soltos, não vamos nos conter.

Podemos não ser os jogadores mais poderosos de Detroit, mas isso não importa.

Não há ninguém mais brutal do que eu e meus irmãos.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Twisted Game Eva Ashwood" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).